



A Santa Sé

VISITA PASTORAL DO SANTO PADRE À PARÓQUIA ROMANA DOS SANTOS DOZE APÓSTOLOS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 16 de Dezembro de 1979

Graça e paz a vós da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo (Flp 1, 2).

Com estas palavras, dirigidas por São Paulo aos primeiros cristãos da cidade de Filipos, envio a minha afectuosa saudação à comunidade paroquial dos Doze Apóstolos.

1. Saúdo, antes de mais, o Senhor Cardeal Vigário e os Prelados que quiseram participar nesta celebração eucarística.

Uma saudação cordial aos Membros da Cúria Generalícia dos Padres Franciscanos Menores Conventuais que, desde 1463, têm a responsabilidade pastoral desta insigne Basílica.

Uma saudação fraterna ao pároco, Padre Domenico Camusi, e aos Religiosos que dedicam as suas energias ao bem das almas desta zona e do centro histórico de Roma.

Desejo, além disso, saudar os numerosos Religiosos que vivem nos limites da paróquia: os Padres Servitas e os Padres Jesuítas da Pontifícia Universidade Gregoriana e do Pontifício Instituto Bíblico, que visitei ontem à tarde. Não posso esquecer as Religiosas: as Irmãs de Maria Reparadoras, as Irmãs do Sagrado Coração, as Filhas de São Paulo e as Irmãs Polacas, que estão ao serviço do Colégio Americano.

Uma saudação particular, enfim, a todos os fiéis: homens e mulheres, meninos e meninas, rapazes e jovencinhas, jovens e anciãos, que formam as pedras vivas (1 Ped 2, 5) desta comunidade paroquial. Na verdade, não sendo muito vasta — conta, de facto, 800 almas, em 272

famílias —, não é menos rica em vitalidade nem lhe faltam problemas de carácter pastoral.

2. O terceiro domingo do Advento oferece-nos sempre sinais particulares de alegria, que se manifestam em cores quentes nas vestes litúrgicas. A alegria é a antítese da tristeza e do temor. E por isso o Profeta Sofonias, convidando à alegria, exclama: *Não temas, Sião, não te deixes tomar de abatimento. O Senhor, teu Deus, está no meio de ti, como herói que te vem salvar. Por causa de ti vai encher-Se de júbilo e renovar-te no Seu amor; exultará de alegria por causa de ti, como em dia de festa (Sof 3, 16-18).*

Sentimos já a proximidade do Natal. Dele nos aproxima o Advento através dos seus quatro domingos, dos quais é este o terceiro.

O mesmo convite à alegria é repetido por São Paulo na carta aos Filipenses. Enquanto o Profeta anunciou a presença do Senhor em Sião o Apóstolo prenuncia a sua proximidade: *Alegrai-vos sempre no Senhor. Novamente vos digo: alegrai-vos! Seja de todos conhecida a vossa tolerância. O Senhor está próximo! (Flp 4, 4-5).*

3. A consciência da proximidade de Deus, que vem para "estar connosco" (Emanuel), deve reflectir-se em todo o nosso proceder. Disto nos fala toda a liturgia de hoje, sobretudo pela boca de São João Baptista, que pregava nas margens do Jordão.

Diversos homens o procuram para lhe perguntar: *Que havemos de fazer? (Lc 3, 10)*. São várias as respostas.

Uma para os publicanos, outra para os soldados: convida os primeiros à honestidade profissional; os outros a respeitarem o próximo nos simples problemas humanos. E convida-os a todos à mesma atitude, inculcada pelos profetas em toda a tradição do Antigo Testamento: a partilharem, tudo com os outros; a porem-se ao serviço destes segundo a própria abundância; a praticarem obras de generosidade e misericórdia.

Podemos alargar e multiplicar estas respostas de João nas margens do Jordão, transpondo-as para os nossos dias, para as condições em que vivem os homens de hoje. A sensação da proximidade de Deus provoca sempre perguntas semelhantes às que foram postas ao Precursor junto do Jordão: "Que hei-de eu. fazer?". "Que havemos nós de fazer?". A Igreja não cessa de responder a estas perguntas. Basta ler com atenção os documentos do Concílio Vaticano II para constatar a quantas perguntas do homem contemporâneo deu o Concílio a resposta adequada. Resposta dirigida a todos os cristãos e aos grupos particulares, aos bispos, aos sacerdotes, aos religiosos, aos leigos, às famílias, à juventude, aos homens da cultura e da ciência, aos homens da economia e da política, aos homens do trabalho...

4. É necessário, todavia, que a pergunta "Que havemos nós de fazer?" — seja feita não só por

todos, mas também por cada um. Não apenas pelos grupos particulares e comunidades com base na sua responsabilidade social, mas também no mais fundo da consciência de cada um de nós. Que hei-de eu fazer? Quais são os meus deveres concretos? Como devo servir o verdadeiro bem e evitar o mal? Como devo realizar os deveres da minha vida?

O Advento conduz cada um de nós, por assim dizer, "ao compartimento interior do seu coração", para aí viver a proximidade de Deus, respondendo à pergunta que este coração humano deve pôr-se a si mesmo no conjunto da verdade interior.

E quando, sincera e honestamente, nos pomos esta pergunta na presença de Deus, acontece sempre aquilo de que fala o Precursor junto do Jordão na sua sugestiva metáfora: eis a pá de joeirar para limpar a eira.. Ela permite ao agricultor recolher o trigo no celeiro, enquanto a palha será queimada num fogo que não se apaga (Cfr. *Lc 3. 17*). É preciso fazer assim mais de uma vez. É preciso concentrarmo-nos em nós mesmos, com a ajuda da luz que o Espírito Santo nos não há-de negar, delinear e separarmos o bem e o mal. Chamar um e outro pelos seus nomes, sem nos enganarmos a nós mesmos. Este será então um verdadeiro "Baptismo" que renovará a alma. Aquele que está Próximo (*Fip 4, 5*) baptizar-nos-á no Espírito Santo e em fogo (Cfr. *Lc 3. 18*).

O Advento — preparação para a grande solenidade da Encarnação — deve ficar ligado com tal purificação. Retorne-se ao costume do sacramento da Penitência. Se deve ser verdadeira a alegria pela proximidade do Senhor, anunciada neste domingo, então temos de purificar os nossos corações. A liturgia de hoje indica-nos a dupla fonte da alegria: a primeira é a que deriva da honesta prática dos deveres da nossa vida; e segunda é a que nos é dada pela purificação sacramental e pela absolvição dos pecados que pesam sobre a nossa alma.

5. "O Senhor está próximo!" — anuncia São Paulo na carta aos Filipenses. Coliga-se com este facto o convite à esperança. De facto, enquanto a nossa vida pode oprimir cada um de nós com diversos fardos, Deus é a minha salvação (*Is 12. 2*). Se o Senhor se aproxima de nós é para que possamos haurir com alegria da água das fontes da Salvação (*Is 12, 3*), a fim de podermos conhecer as "Suas obras", as que realizou e continua a realizar para o bem do homem.

A primeira destas obras todas é a criação: o bem natural, material e espiritual que dela nasce. Eis que nos aproximamos da nova e esplendorosa obra do Deus Vivo, do novo "mirabile Dei": eis que iremos viver de novo, na liturgia da Igreja, o mistério da Encarnação de Deus. Deus Filho fez-se homem; o Verbo fez-se carne para enxertar no coração dos homens a força e a dignidade sobrenaturais: *Deu-Ihes o poder de se tornarem filhos de Deus (Jo 1, 12)*.

É esta a razão por que, olhando para o Jordão, que nos recorda, na liturgia de cada ano, este grande Mistério, o Apóstolo brada: *Não tendes qualquer preocupação! Mas, em tudo, recorrei à oração e à súplica, juntamente com acções de graças, para que os vossos pedidos cheguem a,*

presença de Deus (Flp 4, 6).

Não tenhais qualquer preocupação. Assim mesmo. Não teremos, então, de realizar os nossos deveres e as nossas tarefas com toda a escrupulosidade, como ouvimos da boca de João Baptista? Certamente. Exige-nos tudo isso a proximidade de Deus. Ao mesmo tempo, porém, a mesma proximidade de Deus, a sua Encarnação e a sua vontade salvífica em relação ao homem, exigem de nós que nos não deixemos absorver completamente pelas preocupações temporais; que não vivamos de tal modo como se apenas "este mundo" fosse importante; que não percamos a perspectiva da eternidade. A Vinda de Cristo, a Encarnação do Filho de Deus, exige-nos que abramos de novo os nossos corações a esta perspectiva divina. É precisamente isto que quer dizer o Advento! É isto que quer dizer o "alegrai-vos" de hoje. A perspectiva divina da vida, que ultrapassa as fronteiras do temporal, é a fonte da nossa alegria.

6. Esta perspectiva é também a fonte da paz espiritual. As últimas palavras da segunda leitura de hoje devem ter particular significado para o homem contemporâneo; que tem vários motivos de inquietação e de medo: A paz de Deus, que está acima de toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus" (*Flp 4, 7*).

Eis os votos da Igreja para cada um de nós ao aproximar-se o Natal.

Em nome da Igreja, desejo esta "paz de Deus" aos pais e às mães da paróquia, para que, na plena fidelidade à sua missão conjugal, saibam, com a vida e o exemplo, ajudar os filhos a crescer na fé cristã.

Desejo esta paz aos jovens e às jovens da paróquia, para que sempre estejam convencidos que a violência não traz alegria, antes semeia o ódio, o sangue, a morte e a desordem, e que a sociedade, por eles sonhada e antevista, será fruto dos seus sacrifícios, do seu esforço e do seu trabalho, num respeito solidário para com os demais.

Desejo esta paz aos anciãos e aos doentes da paróquia, para que estejam conscientes de que as suas orações e os seus sofrimentos são bens preciosos para o crescimento da Igreja.

Assim seja!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana